

O PORTUGUÊS POPULAR DO INTERIOR DA BAHIA: UM ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO E DE GÊNERO

POPULAR PORTUGUESE OF INTERIOR OF BAHIA:
A STUDY ABOUT NOUN AGREEMENT OF NUMBER AND GENDER

VIVIAN ANTONINO
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
viviantonino@gmail.com

O Português do Brasil apresenta uma realidade linguística bipolarizada, com a(s) norma(s) popular(es) em um extremo, e a(s) norma(s) culta(s) em outro. Este trabalho analisa a variação nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas, em falantes de Poções e Santo Antônio de Jesus - Bahia. Investiga-se a hipótese de que o massivo contato entre o Português e as línguas africanas e indígenas, ocorrido na época da colonização e do Império, estaria na base da variação da morfologia flexional do nome no Português rural do Brasil e de que a variação na concordância nominal é resultado de *transmissão linguística irregular*.

Palavras-chave: Sociolinguística, concordância nominal, predicativos, estruturas passivas, português popular

The Portuguese of Brazil presents a bipolarized linguistic reality, with the popular norm in an extremity, and the cult norm in another one. This paperwork analyzes the nominal variation in predicative of subject and passive structures, in the speech of Poções and Santo Antonio de Jesus - Bahia. It investigates hypothesis that intense contact between Portuguese and the african and indigenous languages, occurred at the time of the colonization and the Empire, would be in the base of the variation of the flexional morphology of the noun in the rural portuguese of Brazil and that the variation in the noun agreement is result of the *irregular linguistics transmission*.

Key-words: Sociolinguistics, noun agreement, predicative, passive structures, popular Portuguese

0. INTRODUÇÃO

A heterogeneidade é uma característica inerente às línguas humanas, mas a realidade do Português Brasileiro (PB), mais do que variável, mostra-se polarizada, com a coexistência de variedades cultas, em um extremo, e de variedades populares, em outro. Dentre as diferenças que marcam o PB, pode-se citar a variação na concordância nominal, fenômeno que afeta os dois extremos sociais, mas que ocorre com mais intensidade na variedade popular, em que é muito frequente o apagamento da marca nominal de número. Essa diferença é também saliente

quando se compara o Português Europeu (PE) e o PB. O PE realiza uma marcação semicategórica de plural em todos os constituintes nominais flexionáveis, ao passo que o PB, muitas vezes, principalmente na camada popular, mantém essas marcas apenas nos determinantes.

Com relação à concordância nominal, foram feitos muitos trabalhos enfocando apenas a concordância entre os elementos do sintagma nominal (SN), observando a variação quanto ao número, como no exemplo em (1a), em que todos os constituintes sintagmáticos flexionáveis podem apresentar marca formal de plural ou, como em (1b), em que essa marca aparece restrita ao determinante.

(1a) *As meninas mais espertas.*

(1b) *As menina mais esperta.*

Com relação à variação da aplicação da regra de concordância de gênero no SN, pode-se observar o exemplo em 2, em que o determinante não concorda em gênero com o vocábulo com que se relaciona.

(2a) *O roça é longe, tem que ir andando.*

Tal processo de variação de gênero é restrito a algumas comunidades do interior do país, a maioria delas com uma história de colonização europeia e presença maciça de negros africanos trazidos para terras brasileiras para compor a mão-de-obra local.

Outro aspecto ainda menos estudado é a variação na concordância nominal de número e gênero que ocorre em predicativos do sujeito, como nos exemplos em (3a e 4a), e em estrutura passivas, conforme os exemplos em (3b e 4b).

(3a) *Os meninos são muito bonzinhos*

(3b) *Os boi foi arrebanhado naquele dia.*

(4a) *A casa de farinha tá bom.*

(4b) *A lavoura foi plantada.*

Com o objetivo de contribuir para os estudos já existentes, será feita aqui uma análise das construções passivas e predicativas de duas comunidades rurais do interior do estado da Bahia. Será dado enfoque à fala rural, já que muitos escravos foram levados para o interior do país, fato que faz com que os dialetos rurais despertem um interesse especial para se analisar as consequências do contato entre línguas para a evolução do Português no Brasil, principalmente em função dos grandes contingentes de escravos absorvidos pelas grandes propriedades rurais e de sua situação de segregação social nesses contextos.

Assim, tem-se a hipótese de que esse massivo contato entre o Português e as línguas africanas e indígenas estaria na base da variação da morfologia flexional do nome no Português rural do Brasil e de que a variação na concordância nominal nas construções passivas e nos predicativos do sujeito é resultado de *transmissão linguística irregular* determinada pelo contato entre línguas.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

De meados do século XVI até o final do século XIX, a realidade socioeconômica do Brasil manteve-se pouco alterada: o país era uma grande sociedade rural, com pequenos núcleos urbanos, em que se instalava uma minoria elitizada, que tinha acesso a uma incipiente vida institucional (Lucchesi 2009). As camadas médias e altas da sociedade brasileira, numericamente reduzidas, mantinham um comportamento linguístico conservador e buscavam, ao máximo, manter os laços linguísticos e culturais com a Metrópole. Esta camada da população era vista como possuidora da variedade culta do PB.

No outro polo social, estava a maioria da população, índios, africanos e mestiços, que eram explorados e viviam em condições desumanas, segregados da sociedade, sem direito à cidadania. Nessas condições, ocorria um massivo contato do Português com as línguas dos indígenas e dos africanos trazidos para o Brasil, o que caracterizava uma realidade ideal para a ocorrência de processos de *transmissão linguística irregular*. Uma variedade já modificada do Português ia sendo aprendida por essa camada da população, que era numericamente superior à elite colonial e disseminada por várias regiões do país.

A camada popular, composta inicialmente por índios aculturados, escravos e mestiços, era a mão-de-obra disponível para o trabalho na lavoura de cana-de-açúcar, no cultivo do pau-brasil, algodão, café, tabaco e, posteriormente, no ciclo da mineração do ouro. Sendo assim, essa camada teve atuação bastante abrangente em várias regiões do país e, conforme Lucchesi, “o massivo deslocamento de populações pode explicar em boa medida a homogeneidade diatópica das variedades populares do Português do Brasil” (2001:105).

Como dito anteriormente, a variedade diferenciada de língua que se desenvolveu no polo popular, o Português Popular do Brasil (doravante, PPB), pode ser tratado como fruto de uma *transmissão linguística irregular* de tipo leve, o que nos leva à necessidade de maior compreensão deste processo.

A *transmissão linguística irregular* é um conceito aqui utilizado para fazer referência ao que se passou nos momentos históricos de massivo e prolongado contato entre línguas, em situações em que a língua dos detentores de poder é tomada como modelo a ser seguido pelos demais, normalmente em situação politicamente inferior. Nessas situações de contato, a depender de fatores históricos e linguísticos, pode haver a formação de uma nova língua, chamada língua *pidgin* ou língua crioula, ou apenas se formar uma nova variedade de língua, que não se configura como uma nova entidade linguística distinta das já existentes.

Em situações típicas de contato, o que se observa é uma população numerosa de adultos, muitas vezes falantes de línguas diversas e até mutuamente ininteligíveis, que se vê forçada a adquirir uma segunda língua para poder manter as relações sociais e comerciais. Devido à própria situação, essa variedade de língua que se forma apresenta uma forte simplificação e redução em sua estrutura gramatical, mantendo-se apenas os elementos essenciais para se desempenhar uma comunicação básica. Lucchesi (2000: 99) diz que essa redução na estrutura gramatical da língua se dá devido a:

- (i) o difícil acesso dos falantes das outras línguas aos modelos da língua alvo, sobretudo nas situações em que os falantes dessa língua alvo são numericamente muito inferiores aos falantes das outras línguas;
- (ii) o fato de os falantes dessas outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, não havendo, pois, acesso aos dispositivos da *faculté du langage*, que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna;

- (iii) a ausência de uma ação normatizadora, ou seja, de uma norma ideal que oriente e restrinja o processo de aquisição/nativização, já que esse processo tem como objetivo fundamentalmente a comunicação emergencial com os falantes da língua alvo.

(Lucchesi, 2000: 99)

Quando acontece um prolongamento da situação de contato linguístico, normalmente a variedade segunda da língua alvo vai ganhando espaço e se tornando até modelo para aquisição da língua materna dos descendentes dos falantes das outras línguas. Isso se dá graças à relação que essa variedade segunda de língua estabelece com as camadas política e economicamente dominantes, que são detentoras, naturalmente, do prestígio social.

A depender de fatores extralinguísticos, como a quantidade de falantes da língua alvo ou o grau de coesão dos grupos de falantes em situação de dominação, a língua surgida do contato pode se apresentar com características mais próximas ou mais distantes da língua do dominador. E as situações sociais, históricas e culturais a que a língua surgida do processo de transmissão linguística irregular está sujeita também vão explicar essa maior ou menor aproximação com a língua alvo e as inevitáveis transformações que as línguas originadas do contato vieram a sofrer.

O processo de *transmissão linguística irregular* pode resultar num *pidgin*, em crioulos de vários tipos ou apenas em nova variedade de língua, a depender da sua intensidade. Quanto menor o acesso dos falantes das línguas surgidas do contato aos modelos da língua alvo, mais radical será a variedade crioula falada por eles, a chamada criouliização típica. Pode também haver uma criouliização leve, em que o acesso à língua alvo é um pouco maior; com isso, a erosão gramatical também é menor, não sendo necessária uma reconstrução gramatical profunda.

No caso do Português popular do Brasil, a sua origem tem explicação num processo de *transmissão linguística irregular* do tipo leve que não resultou em uma língua crioula, e sim em uma variedade diferenciada da língua portuguesa. Isso se deu porque, no Brasil, no período da colonização, o número de falantes da língua alvo não foi tão pequeno que caracterizasse uma situação de criouliização típica; além de que sucessivos grupos de imigrantes portugueses chegaram às terras brasileiras, como na corrida do ouro (séc. XVIII) e na vinda da família real (séc. XIX), fatos que reforçavam o poder da língua portuguesa, diminuindo as possibilidades de erosão gramatical mais radical.

Lucchesi (2009) chama atenção para o fato de a perda da morfologia flexional, de forma mais ou menos acentuada, ser característica recorrente em situações de *transmissão linguística irregular*; em situações típicas de criouliização, a perda da morfologia tende a ser completa. Dessa maneira,

[...] pode-se conceber o quadro de profunda variação na concordância nominal e verbal que se observa hoje nas variedades populares do português do Brasil como uma decorrência do processo de transmissão linguística irregular que marca a gênese dessas variedades linguísticas.

(Lucchesi 2009: 124)

Por essa razão, este estudo analisa a concordância nominal em predicativos e em passivas, com o foco no português popular urbano, em que traços do processo histórico de contato entre línguas ainda podem ser observados.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, foram seguidos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, preconizada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) E segundo a qual a variação linguística observável na fala pode ser sistematizada e, para isso, procura-se delimitar os fenômenos variáveis e os reguladores dessa variação, que devem ser linguísticos e sócio-históricos, relacionando-os com aspectos da estrutura linguística.

Foi feita a análise de um *corpus* composto por 48 informantes dos municípios de Santo Antônio de Jesus e Poções, localizados no interior do Estado da Bahia. Os entrevistados foram distribuídos em moradores da zona rural e moradores na sede do município, em 3 faixas etárias (de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e de 65 anos acima) e sexo.

Todos os falantes se situam na base da pirâmide social, têm pouca ou nenhuma escolarização e nasceram na comunidade ou chegaram lá na infância. As entrevistas têm aproximadamente 50 minutos e, seguindo as orientações labovianas, possuem um caráter informal, em busca do vernáculo do informante. O material analisado faz parte do banco de dados do Projeto Vertentes do Português Rural da Bahia, coordenado por Dante Lucchesi.

As entrevistas, após transcritas segundo uma chave de transcrição elaborada no âmbito do Projeto Vertentes, foram submetidas a uma audição para a revisão dos dados levantados, que foram sistematizados e codificados. Para fazer a quantificação dos dados e chegar a resultados estatísticos, foi utilizado o pacote de programas VARBRUL, tipicamente usado em pesquisas sociolinguísticas.

Como a presente pesquisa se debruça sobre a concordância de gênero e de número, optou-se por apresentar os resultados separadamente, iniciando com os resultados relativos à concordância de número.

3. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO: O ENCAIXAMENTO NA ESTRUTURA LINGUÍSTICA

No que concerne à concordância nominal de número em predicativos do sujeito e em estruturas passivas, podemos observar um baixo índice de aplicação da regra: em um total de 307 ocorrências, apenas 13 delas receberam a marca de plural, um índice de 4% de marcação. Os resultados encontrados corroboram a ideia de uma realidade linguística brasileira polarizada, pois Lucchesi (2008), analisando a fala rural afro-brasileira, encontrou um índice de aplicação da regra de apenas 1%, percentual irrelevante em termos estruturais, o que faz crer que esta regra estava praticamente ausente nas comunidades rurais afro-brasileiras investigadas. Em contrapartida, na fala urbana, em trabalhos como o de Scherre (1991), que estuda falantes do Rio de Janeiro, o de Dias (1996), que investiga três cidades da região sul do país, e o de Antonino (2012), que analisa a realidade popular de Salvador, na Bahia, o índice de aplicação da regra foi de 46%, 43% e 14,6%, respectivamente, resultado significativamente superior à realidade rural.

Na análise dos dados aqui realizada, não foram considerados os predicativos formados por SNs, como no exemplo em (5).

(5) Meus filho tudo são **uns menino ótimo**.

As variáveis explanatórias utilizadas para buscar identificar fatores da estrutura linguística que condicionam o fenômeno variável em estudo são as seguintes: tipo de estrutura (predicativo do sujeito ou estrutura passiva); presença ou ausência de material interveniente entre o verbo e o predicativo ou particípio passado; ordem dos constituintes na sentença; aplicação ou não da regra de concordância nominal de número no SN sujeito; aplicação ou não da regra de concordância verbal; marcação de plural no SN sujeito (plural mórfico, lexical ou com quantificador); caracterização semântica do sujeito em termos de sua animacidade; tipo de atributo (acidental ou essencial); presença ou ausência do quantificador; saliência fônica; referência ao falante no discurso; tipo de predicativo (adjetivo, particípio, substantivo, SN ou pronome); tipo de sujeito (sujeito SN simples ou composto, sujeito pronominal, sujeito atualizado por um pronome relativo, sem o núcleo realizado ou vazio);

Após a utilização do Programa de Processamento das Regras Variáveis (VARBRUL), foram selecionadas como estatisticamente relevantes apenas as variáveis linguísticas concordância nominal de número no SN sujeito e concordância verbal. Este pequeno número de variáveis selecionadas com valor estatístico é esperado em função do baixíssimo nível de variação.

3.1. A variável concordância nominal de número no SN sujeito

A variável *concordância nominal de número no SN sujeito* relaciona-se diretamente ao princípio da *coesão estrutural*, proposto por Lucchesi (2000), que diz que a possibilidade de aplicação da regra em predicativos e em passivas é maior quando há também aplicação da regra de concordância no SN sujeito que especifica as categorias gramaticais de gênero e número desses predicativos/passivas. A variável pode se apresentar de duas formas:

a) SN sujeito com concordância

(6) **As meninas todas** são boas.

(7) **Aqueles povos** de antigamente naquele tempo era muito viciado e tal.

b) SN sujeito sem concordância

(8) **Minhas fia, minhas nora, minha nora** não, é duas.

(9) **Os filho** já tava grande.

Os resultados obtidos podem ser observados na tabela a seguir.

Concordância de número	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
SN com concordância	5/27	19%	.88
SN sem concordância	2/117	2%	.39
TOTAL	7/144	5%	---
(nível de significância .040)			

Tabela 1. Aplicação da concordância de segundo a variável concordância nominal de número no SN sujeito

O que se pôde observar nos dados obtidos a partir da fala vernácula do interior do país é que, de acordo com o esperado, em sentenças em que o SN sujeito exibe marcas formais de concordância de número, os predicativos/passivas que são especificados por estes sujeitos também recebem um maior índice de marcação de plural, com PR expressivo de .88. Em

contraposição, os SNs sem concordância desfavorecem a marcação de plural nos predicativos/passivas, com um PR de .39. Isto evidencia a estreita relação que há entre a marcação de número que acontece no SN sujeito e a marcação de número nas estruturas predicativas e passivas.

3.2. A variável concordância verbal

A variável *concordância verbal* segue o mesmo princípio da variável anteriormente discutida: parte-se da ideia de coesão estrutural, com a hipótese de que em sentenças em que há concordância verbal, também haverá concordância nominal entre o predicativo e o sujeito. A variável foi assim definida:

- a) Com concordância verbal
 - (10) As meninas todas **são** boas.
 - (11) E duas é... **são** solteira.
- b) Sem concordância
 - (12) As banda **era** boas.
 - (13) Ah não, as criança é muntcho pequena!

Concordância verbal	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Verbo concordando com o sujeito	8/38	21%	.88
Verbo não concordando com o sujeito	5/223	2%	.42
TOTAL	13/261	5%	---
(nível de significância .040)			

Tabela 2. Aplicação da concordância de número segundo a variável concordância verbal

De fato, nas sentenças em que há concordância do verbo em terceira pessoa do plural com o sujeito, maior é a concordância nominal de número entre o sujeito e o seu predicativo ou com a estrutura passiva, com um PR de .88. Contrariamente, em sentenças em que não há a concordância verbal, também não há a concordância nominal entre os elementos em análise, observando-se um PR de .42.

Estas duas variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes pelo VARBRUL vêm confirmar o princípio da coesão estrutural, pois ficou nítido que os contextos que exibiam as marcas de plural, como o sujeito ou o verbo marcados, favoreceram também a marcação de plural nos predicativos e nas estruturas passivas.

3.3. Encaixamento da variação na concordância de número em estruturas passivas e em predicativos do sujeito na estrutura social

De todas as variáveis sociais, o Programa de Regras Variáveis selecionou como estatisticamente relevantes apenas duas, a *faixa etária* e o *sexo*.

Com relação à faixa etária, tem-se a hipótese de que os mais idosos realizem menos a concordância, visto que estariam mais próximos, na linha do tempo, de uma realidade anterior de contato entre línguas, em que as flexões verbais e nominais foram sensivelmente alteradas no surgimento de uma variedade de língua tipicamente brasileira, o PPB. Os mais jovens, por sua vez, já têm mais de vivenciar uma realidade exterior às suas comunidades, com mais acesso à

escola, a meios de comunicação, com o trânsito entre municípios mais facilitado pela existência de estradas e meios de transporte; dessa forma, acredita-se que os falantes da faixa I utilizariam mais a regra canônica de concordância nominal e atuariam como seus implementadores.

Os falantes mais jovens, conforme o esperado, realizam mais a concordância de número, exibindo um PR de .79 de aplicação da regra; em oposição, há um leve desfavorecimento à aplicação da regra com relação aos mais velhos e aos falante de faixa II, que têm uma idade intermediária. Os mais jovens usaram mais as marcas de número em predicativos/passivas apontando para uma implementação da marca de concordância, porém, com a reduzida quantidade de ocorrências, não é possível uma afirmação mais conclusiva a respeito.

Faixa Etária	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Faixa I (25 a 35 anos)	9/81	10%	.79
Faixa II (45 a 55 anos)	2/104	2%	.38
Faixa III (acima de 65 anos)	2/113	2%	.35
TOTAL	13/307	4%	---

(nível de significância .009)

Tabela 3. Aplicação da concordância de número segundo a variável faixa etária

Com relação aos resultados da variável *sexo*, esperava-se que os homens utilizassem as formas inovadoras, liderando o processo de mudança, levando-se em consideração a questão dos papéis e das oportunidades sociais, porém, contrariando o esperado, as mulheres apareceram como favorecedoras do uso da regra de concordância de número. Em municípios do interior, normalmente o homem tem maior contato com o mundo externo, saindo para trabalhar e resolver problemas na cidade, porém esse perfil vem mudando sensivelmente, e é isto que mostram os resultados. Em Poções e Santo Antônio de Jesus, assim como em outros municípios, a mulher vem liderando esse processo de mudança provavelmente porque ela, agora, sai da comunidade tanto quanto o homem, indo para grandes centros em busca de trabalho como empregadas domésticas. Os resultados da variável *sexo*, apresentados na tabela abaixo, confirmam esse diagnóstico.

Referência ao falante	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Mulheres	11/139	8%	.78
Homens	2/168	1%	.26
TOTAL	13/307	4%	---

(nível de significância .040)

Tabela 4. Aplicação da concordância de número segundo a variável referência ao falante

Apesar de as outras variáveis não terem sido selecionadas pelo pacote de programas VARBRUL, os resultados obtidos merecem comentários. Os falantes que saíram da comunidade usam mais as marcas formais de plural nos predicativos/passivas, marcando 11 das 141 ocorrências, com uma frequência de 7%. Aqueles que não saíram, por sua vez, fazem apenas 1% de concordância, um índice irrelevante, marcando apenas duas das 155 ocorrências.

Entre analfabetos e semialfabetizados a diferença não foi expressiva, apenas um ponto percentual. Isso se explica pelo parco acesso ao ambiente escolar ou a qualquer tipo de relação com a educação formal. Ainda aqueles que tiveram acesso a alguma instrução não conseguem maior desempenho, muitas vezes sequer decodificando pequenas frases escritas. Na verdade, a instrução dos informantes é mínima, independentemente de serem rotulados como completamente analfabetos ou semialfabetizados.

Por fim, com relação à variável *origem do informante*, não se constatou, mais uma vez, diferença significativa na fala dos moradores da sede do município, quando comparados aos moradores da “roça”. Não se confirmou o que Silva (2005) observou com relação à concordância verbal na mesma amostra de fala popular do município de Poções; ou seja, os falantes da sede utilizavam mais a regra de concordância que os falantes da zona rural, indicando que aqueles seriam mais afetados pelo processo de difusão linguística a partir dos grandes centros urbanos do que estes últimos.

4. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE GÊNERO: O ENCAIXAMENTO NA ESTRUTURA LINGUÍSTICA

Nas amostras de fala de português popular dos dois municípios do interior do estado da Bahia em análise, foram quantificadas 1.046 ocorrências de predicativos e de voz passiva que mantinham relação com sujeitos com marcas de feminino. A regra de concordância foi aplicada em 988 ocorrências, com apenas 58 sem a concordância, perfazendo, assim, um percentual de 94% de aplicação da regra, sendo a não aplicação da regra algo bastante residual, 6% dos casos. No Português afro-brasileiro, investigado por Lucchesi, a variação é um tanto mais expressiva, com a marcação de gênero de 81%.

Para se proceder à análise quantitativa e qualitativa da fala dos moradores desses dois municípios, foram analisadas variáveis linguísticas e sociais que irão apontar fatores que favorecem ou inibem a aplicação da regra de concordância de gênero. As variáveis linguísticas utilizadas foram as mesmas consideradas para a análise da concordância de número. Porém, após processar os dados por meio do pacote de programas estatísticos VARBRUL, obteve-se, como estatisticamente relevantes, apenas as seguintes variáveis linguísticas: o tipo de predicação, a indicação de gênero no sujeito, a referência ao falante no discurso e o tipo de predicativo.

4.1. A variável tipo de predicação

A variável *tipo de predicação* foi proposta com o objetivo de observar se o tipo de predicação exerceria alguma influência direta na realização da concordância nominal de gênero. Para isso, a variável apresentou os seguintes fatores:

a) Predicado nominal

(14) A moto ficô ligada.

(15) A folha do quioiô tombém diz que é bom.

b) Predicado verbo-nominal

(16) Ela casô nova demais.

(17) A pessoa tinha que i(r) a pé, com aquela dificuldade toda, às vez chegava já cansado.

- c) Estrutura passiva
(18) Várias pessoa foi atingida pela dengue mesmo...

(19) Tudo lá em casa... tarefa é dividido.

Tipo de estrutura	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Predicado Nominal	867/912	95%	.55
Predicado verbo-nominal	41/45	91%	.33
Estrutura Passiva	80/89	90%	.16
TOTAL	988/1046	94%	---

(nível de significância .026)

Tabela 5. Aplicação da concordância de gênero segundo a variável tipo de predicação

Os resultados da análise quantitativa indicam um ligeiro favorecimento da aplicação da regra em estruturas de predicado nominal, com um PR .55, ao lado de um desfavorecimento por parte das estruturas passivas e dos predicados verbo-nominais, que apresentam um PR de .16 e .33, respectivamente. Tal desfavorecimento pode ser explicado porque a ligação do sujeito com seu predicativo é mais direta em predicados nominais do que nas outras duas estruturas. No predicado verbo-nominal, por exemplo, há uma dupla predicação, com um verbo de ação como núcleo ao lado de um outro núcleo predicativo, o que torna a ligação sujeito predicativo menos direta do que com o uso de um verbo de ligação.

4.2. A variável indicação de gênero no sujeito

A variável *indicação de gênero no sujeito*, aqui proposta, advém dos princípios da saliência fônica (Scherre 1989) e do paralelismo formal (Scherre e Naro 1993). Segundo o primeiro deles, a marcação de gênero em predicativos do sujeito e na voz passiva seria maior quando houvesse, também, marcas explícitas de gênero no sujeito que especifica as categorias gramaticais de gênero desses predicativos e passivas, estabelecendo, assim, uma forte relação com o princípio do paralelismo formal, que sugere que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, já que o emprego de determinadas formas influenciaria o uso de formas semelhantes em um mesmo discurso.

Assim, a variável marcação de gênero no sujeito teve a seguinte divisão:

- Nome de ser animado com flexão de gênero – *menina, gata, garota*;
- Pronome ou determinante flexionável em gênero – *ela, essa, outra*;
- Nome feminino sem flexão de gênero – *roça, perna, foto*;
- Pronome não flexionável em gênero – *eu, que, nós*;
- Categoria vazia.

Tipo de sujeito	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Pronome flexionável	131/132	99%	.89
Nome com flexão	39/40	97%	.76
Categoria vazia	324/344	94%	.46
Pronome não flexionável	225/234	96%	.42
Nome sem flexão	233/260	90%	.32
TOTAL	952/1010	94%	---

(nível de significância .026)

Tabela 6. Aplicação da concordância de segundo a variável indicação de gênero no sujeito

Ao analisar os resultados, nota-se a confirmação da hipótese da saliência fônica e do paralelismo formal. Percebe-se que os pronomes e nomes que trazem marcas explícitas de gênero favorecem a concordância, como o pronome ou o determinante flexionável, com .89, e o nome com flexão, com .73. Contrariamente, o pronome não flexionável e o nome sem flexão desfavorecem a marcação de gênero nos predicativos e nas estruturas passivas, com PR .42 e .32. A categoria vazia, por sua vez, se apresenta muito próxima da neutralidade, com PR .46, com um leve desfavorecimento à aplicação desta regra de concordância.

4.3. A variável referência ao falante

Há um grupo de fatores que trata do fato de o sujeito que especifica o gênero dos predicativos e passivas fazer referência ou não ao próprio falante, conforme os exemplos abaixo.

a) Sujeito inclui falante

(20) **Eu** sô casada.

(21) Agora **eu** tô levano a vida assim deitado.¹

b) Sujeito não inclui falante

(22) **Ela** já era casada.

(23) Porque antigamente tinha **muitas coisa** que não era cobrado na cope...

Naturalmente, os sujeitos do tipo *a)* terão sempre o traço semântico [+humano], mas a afirmação contrária não é válida. Todos os sujeitos com traço semântico [-humano] farão parte do grupo *b)*, mas também haverá sujeitos de traço semântico [+humano], como pode ser visto no exemplo acima.

Referência ao falante	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Sujeito inclui falante	265/271	98%	.78
Sujeito não inclui falante	723/775	93%	.39
TOTAL	988/1046	94%	---
(nível de significância .026)			

Tabela 7. Aplicação da concordância de gênero segundo a variável referência ao falante

Os resultados indicam que o falante tende a fazer mais concordância quando se refere a si próprio, fazendo 98% de concordância, com PR expressivo de .78. Lucchesi (2008), em seu trabalho, encontrou resultado semelhante, com um índice de marcação de gênero de 88%, junto a um índice geral de concordância de 81%. Lucchesi salienta que esse tipo de variável não costuma ser usada nas análises variacionistas e diz ainda que o maior nível de concordância ocorre quando o falante se inclui na ação, devido a “um tipo de condicionamento egocêntrico do comportamento linguístico” (2008:160).

4.4. A variável tipo de predicativo

A variável *tipo de predicativo* se refere apenas às construções em que há predicativos do sujeito, sendo excluídas as construções passivas. A variável foi dividida em predicativos

¹ Frase proferida por informante do sexo feminino.

compostos por adjetivo e predicativos compostos por particípio passado. Os demais tipos de predicativos foram desconsiderados devido ao baixo número de ocorrências, que não permitiria qualquer conclusão sobre os dados.

- a) Predicativo composto por adjetivo
(24) Mas a mulher dele é **boa**.
- (25) Ela ficava den' de casa quando era **pequeno**.
- b) Predicativo composto por particípio passado.
(26) Eu era **casada**, meu fi'.
- (27) E água era **buscado** no rio.

Os resultados encontrados podem ser lidos na Tabela 8.

Tipo de Sujeito	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Adjetivo	508/536	95%	.53
Particípio passado	266/288	92%	.44
TOTAL	774/824	94%	---
(nível de significância .026)			

Tabela 8. Aplicação da concordância de gênero segundo a variável tipo de predicativo

Os predicativos compostos por adjetivos são ligeiramente favorecedores à aplicação da regra de concordância nominal de gênero, com PR .53, e os predicativos compostos por particípio passado desfavorecem a regra com .44.

Os resultados da variável *tipo de predicativo* vêm corroborar os resultados da primeira variável selecionada pelo VARBRUL, o *tipo de predicação*. Os adjetivos favorecem a marcação da concordância nominal de gênero em predicativos do sujeito devido a seu caráter mais nominal, com maior ligação com o sujeito que o especifica. Os particípios, por sua vez, seriam menos nominais que os adjetivos em função de sua natureza verbal.

4.5. Encaixamento da variação na concordância de gênero na estrutura social

A única variável social selecionada pelo VARBRUL como relevante foi a estada ou não fora da comunidade por mais de seis meses. A hipótese que se levanta é a de que aqueles que saíram da comunidade lideram o processo de mudança, devido a seu maior contato com outras realidades linguísticas. Da mesma forma, os mais escolarizados, os falantes mais jovens, os homens e os moradores da sede do município seriam aqueles que cada vez mais fariam uso da regra de concordância nominal de gênero, por estarem mais inseridos socialmente em ambientes em que normalmente se faz maior uso da regra de concordância, como o ambiente escolar, o mercado de trabalho e os centros urbanos.

Na tabela a seguir, podem ser lidos os resultados encontrados para a variável *estada fora da comunidade*.

Estada fora da comunidade	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Esteve fora	509/529	96%	.59
Não esteve fora	479/517	93%	.41
TOTAL	988/1046	94%	---
(nível de significância .026)			

Tabela 9. Aplicação da concordância de gênero segundo a variável estadia fora da cidade

De acordo com o que se esperava, observou-se que, em Poções e Santo Antônio de Jesus, aquele que já esteve fora da comunidade por um período superior a seis meses de fato faz mais concordância de gênero nos predicativos/passivas, exibindo um índice de PR de .59. De forma oposta, quem nunca saiu da comunidade exhibe menor uso da regra de concordância, apenas .41.

Apesar não terem sido selecionados como estatisticamente relevantes pelo VARBRUL, os outros resultados das variáveis sociais nos trouxeram informações importantes. A variável faixa etária, por exemplo, obteve um nível de significância .088, bastante próximo ao nível de significância necessário para ser selecionado pelo programa, que é .050.

Faixa Etária	Nº de ocor./TOTAL	Frequência	PR
Faixa I (25 a 35 anos)	284/292	97%	.65
Faixa II (45 a 55 anos)	382/406	94%	.44
Faixa III (acima de 65 anos)	322/348	93%	.45
TOTAL	988/1046	94%	---
(nível de significância .088)			

Tabela 10. Aplicação da concordância de gênero segundo a variável faixa etária

Os mais jovens estão fazendo mais concordância de gênero, com aplicação da regra em 97% dos casos, com PR de .65, ao lado de um comportamento levemente desfavorecedor dos adultos e idosos, que fazem concordância em 94% e 93% dos casos, com PR .44 e .45, respectivamente. Tal comportamento pode estar anunciando uma mudança em curso, já que normalmente são os mais jovens que atuam mais fortemente no uso da norma padrão, já que são eles também os que têm maior acesso aos ambientes propícios à escolarização.

Com relação à variável *sexo*, os resultados encontrados vêm apenas confirmar o que já se discutiu com relação à concordância de número. É nítido que a realidade social do interior do país vem mudando: a mulher não está mais confinada na cozinha de sua casa, não é mais apenas mãe. Ela é trabalhadora, muitas vezes responsável pelo sustento do lar, saindo de casa tanto ou mais que os homens, saindo inclusive de sua cidade em busca de melhoria de qualidade de vida, já que muitos informantes reclamam diversas vezes da falta de oportunidades em sua cidade natal.

Também não se mostrou produtiva a variável escolaridade, não se podendo observar diferenças relevantes entre a fala vernácula dos analfabetos e semialfabetizados. Nestes municípios, nossos informantes têm estilo de vida bastante semelhante, muitas vezes com as mesmas ocupações diárias, o que pode ser também uma justificativa para a pouca diferença em sua fala.

A diferença de fala entre os moradores da sede e da zona rural não se mostrou relevante, corroborando Bortoni-Ricardo (2005), que diz que a dicotomia rural/urbano não é algo estanque, e sim um *continuum* de formas, reforçando, cada vez mais, a idéia de falante “rurbano”,

que é um termo por ela utilizado para aquelas populações rurais que mantêm algum nível de integração com as populações urbanas, ou mesmo o contrário, populações urbanas que de alguma forma preservam seus traços rurais.

5. CONCLUSÃO

Ao longo desta investigação, buscou-se apresentar uma caracterização e compreensão do quadro de variação na concordância nominal, de gênero e de número, em predicativos do sujeito e em estruturas passivas, na fala do interior do país, a partir da análise de amostras de fala vernácula de indivíduos de pouca ou nenhuma escolaridade de dois municípios do interior do Estado da Bahia.

A análise da concordância nominal em predicativos e estruturas passivas na fala popular teve como objetivo reforçar a hipótese inicialmente levantada de que a origem do Português popular do Brasil (PPB) é marcada, desde o período colonial, pela *transmissão linguística irregular*. O contato entre línguas exerceu, inegavelmente, uma grande influência na formação do PPB. Na época do Brasil colônia, conviveram índios de várias tribos, africanos falantes de diferentes línguas e brancos portugueses que, de alguma forma, precisavam se comunicar. No estabelecimento dessa comunicação é que emergiu uma variedade de língua modificada pela ação dos vários povos e simplificada pela ausência da ação normatizadora da escola.

A realidade social e linguística bipolarizada do Brasil do período colonial, com falantes das normas populares em um extremo e falantes de normas cultas em outro, possibilitou a convivência de índios, negros e brancos menos favorecidos, que compunham a camada popular. Com esta convivência, a partir do processo de *transmissão linguística irregular*, uma nova variedade de língua foi surgindo, característica das camadas mais populares, já que as camadas cultas faziam questão de manter uma fala o mais próximo possível da Metrópole portuguesa.

Esta realidade “dividida” pode ser observada, de certa forma, até os dias atuais, porém as diferenças já não são tão acentuadas, graças ao acesso mais facilitado aos meios de comunicação, ao sistema de transporte mais amplo e ao maior acesso às escolas, que propagam os padrões linguísticos dos grandes centros urbanos para todas as regiões do país, eliminando as marcas mais características da fala popular, provenientes, sobretudo, das simplificações produzidas no passado pelo contato entre línguas. Do outro lado, a fala da camada culta já se afasta bastante da realidade do português europeu.

Ainda assim, com a atenuação desses pólos, é possível observar mais facilmente as marcas de um Português popular em falantes do Português rural, que são normalmente mais conservadores. Por isso, são as comunidades de fala do interior do país o alvo de nosso estudo, que busca evidenciar a importância do contato entre língua e do processo de *transmissão linguística irregular* na formação do Português popular do Brasil. A variação na concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas no interior do país não é, ao nosso ver, fruto de uma deriva secular da língua portuguesa, como afirmam diversos estudiosos; é sim fruto da situação de amplo e massivo contato entre línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antonino, Vivian. 2012. *Português popular de Salvador: uma análise da concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas*. Tese de Doutorado, UFBA.
- Bortoni-Ricardo, E. M. 2005. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação, São Paulo, Parábola.

- Dias, Juçá Fialho Vazzata. 1996. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos na fala da região sul: um estudo variacionista*. Florianópolis. Dissertação de mestrado.
- Lucchesi, Dante. 2000. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*, Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado.
- Lucchesi, Dante. 2001. *As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000)*. *D.E.L.T.A.*, 17, n. 1: 97-130
- Lucchesi, Dante. 2008. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas no contexto da história sociolinguística do Brasil, em Claudia Roncarati e Sebastião Votre. (orgs.). *Ensaio em homenagem a Anthony Naro*, Rio de Janeiro, FAPERJ: 148-168.
- Lucchesi, Dante; Alan Baxter e Ilza Ribeiro (orgs.). 2009. *O português afro-brasileiro*, Salvador, EDUFBA.
- Scherre, Maria Marta P. 1989. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal, em Fernando Tarallo (org) *Fotografias Sociolinguísticas*, Campinas, Pontes: 301-332.
- Scherre, Maria Marta P. 1991. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passados*. *Organon*, 5, n 8: 109-125
- Silva, Jorge Augusto Alves da. 2005. *A concordância verbal em terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama social de três comunidades do interior do estado da Bahia*. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística.
- Weinreich, Uriel; William Labov e Marvin Herzog. 2006[1968] *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno, São Paulo, Parábola.
- Zilles, Ana Maria Stahl et al. 2000. *A concordância verbal em primeira pessoa do plural na fala de Panambi e Porto Alegre, RS*. *Organon*, 14, n. 28 e 29: 195-219
- www.vertentes.ufba.br